

Dimensões afetivas em docentes frente às novas tecnologias na sala de aula: alfabetização e letramento de crianças ouvintes e surdas em foco*

Heloísa Andreia de Matos Lins¹

[...] Esto, por otro lado, se vincula a una relación de
'extrañeza' y
ajenidad de la cultura escolar
com respecto a las tecnologías del siglo XX,
no solamente al lenguaje audiovisual
(Cuban, 1986, citado por Dussel, 2012).

Resumo:

O presente trabalho refere-se a uma pesquisa-ação ligada aos processos de alfabetização e letramento de estudantes surdos e ouvintes do Ensino Fundamental (1º. Ciclo) e ao redimensionamento de práticas pedagógicas, nesse contexto, através da utilização das novas tecnologias e da formação continuada de professores, onde as dimensões afetivas docentes diante desses recursos - em movimentos de proximidade e distanciamento - são enfocadas. Os resultados indicam que, embora saibamos das dificuldades concretas por que passam as escolas de educação básica (como falta de computadores para os alunos, acesso à banda larga em velocidade adequada, entre outras), nesta pesquisa ficou evidente o papel do gestor, pois foi a “ponte” principal entre a escola e a universidade, assim como buscou de muitas formas a efetivação de novas práticas de ensino e aprendizagens plurais aos alunos ali matriculados. O papel do monitor da sala de informática também ganha um papel de destaque nesse processo, em função de seus conhecimentos técnicos e engajamento, sendo, portanto, desencadeador de segurança nas docentes envolvidas. De qualquer modo, as professoras compuseram a centralidade das forças para as mudanças ali ocorridas, quando decidiram se arriscar em frentes até então não muito exploradas.

Palavras-chave: afetividade, novas tecnologias, formação docente, alfabetização, letramento digital

1. Proximidades e afastamentos entre universidade e escola: início da pesquisa

Concebendo o processo de descentração como a capacidade de entender que o próprio ponto de vista é mais um entre outros, onde o valor que a pessoa atribui às pessoas e aos objetos do mundo e suas relações com os mesmos também estão envolvidos no processo (ALVES, SOUZA e OLIVEIRA, 2011), ensaio um olhar exotópico, bakhtiniano², para as práticas e saberes desenvolvidos pelo grupo de professoras do 1o. ciclo do Ensino Fundamental - em sua relação com as novas tecnologias - com o qual estive envolvida nos últimos dois anos.

Em meados de 2011, recebi um convite da escola em questão, através da gestora, para orientar o trabalho pedagógico que poderia ser desenvolvido, especificamente em relação a uma aluna surda, recém matriculada no 1o. ano do Ensino Fundamental. Diante disso, foi iniciada uma pesquisa-ação³ que se propunha a colaborar no desenvolvimento de práticas pedagógicas de

¹ Profa. Dra. do Departamento de Psicologia Educacional da FE/UNICAMP. Coordenadora do Grupo de Estudos Surdos e Novas Tecnologias, GESTEC, vinculado ao Grupo de Pesquisa ALLE - Alfabetização, Leitura e Escrita, na mesma instituição. Email: hmlins@unicamp.br

² A esse respeito, ver Bakhtin (2003).

³ Como indicado em Lins (2012), a partir de situações encontradas no campo de pesquisa, o referencial metodológico foi configurado nos parâmetros de uma pesquisa-ação, concebida aqui como “busca de compreensão e de interação entre pesquisadores e membros das situações investigadas”, como apontou Thiollent (1994). O mesmo autor argumenta que na pesquisa-ação, além da participação dos sujeitos, supõe-se um planejamento de caráter social, educacional, técnico ou outro, que nem sempre são encontrados em propostas de pesquisa participante. De qualquer modo, sabe-se

* X EVIDOSOL e VII CILTEC-Online - junho/2013 - <http://evidosol.textolivre.org>

alfabetização e letramento⁴ de crianças surdas e que pudessem evidenciar indicadores de alternativas para o sucesso escolar das chamadas “minorias linguísticas”. Nessa proposta inicial, o problema central estava centrado na reflexão sobre como os alunos surdos - que se utilizavam de algum modo da língua de sinais brasileira (LIBRAS) - e através de seus professores e suas práticas – poderiam se relacionar com as diferentes ferramentas de tecnologia da informação e comunicação (TICs) e como tal relação poderia influenciar seu desempenho no processo de letramento.

Conforme evidenciei a esse respeito (LINS, 2012), foi proposta inicialmente a criação de um curso de formação/ grupo de discussão sobre questões acima destacadas, evidenciando a surdez nesse contexto, o papel político-pedagógico da escola, de modo amplo, e alguns aspectos das novas tecnologias nesse processo, o que foi prontamente aceito pela equipe. Ao mesmo tempo, reunia-me com a professora que tinha a aluna surda matriculada em sala e também a intérprete de Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS), pois a mesma acompanhava todo o processo de ensino-aprendizagem em que a aluna estava envolvida.

2. Desenvolvimento da pesquisa-ação

Após o trabalho desenvolvido no ano de 2011, nos moldes acima descritos, essa ideia inicial tomou novos contornos (abriu novas janelas hipertextuais⁵, podemos dizer assim), quando pressupôs a intervenção não apenas numa sala de aula onde a aluna surda estivesse matriculada. Abriu espaços para que toda a escola se engajasse num movimento de alfabetização e letramento digitais, não somente naquele ano letivo, mas como possibilidade ampla e menos efêmera, uma vez que as concepções docentes poderiam estar modificadas e favorecer novas formas de se tecer o fazer e pensar dos alunos e dos próprios professores, fazendo aqui também uma analogia com as *ecologias cognitivas* de que trata Lévy (2003).

Nesta direção, no dizer de Chartier (2003), “uma revolução técnica não se decreta. E não se suprime também” (p. 47), assim, a proposta procurava ir ao encontro da “nova ordem” da palavra escrita, em seus diferentes suportes e gêneros textuais, agora na tela, que beneficiasse crianças surdas e ouvintes.

Contudo, o que saltou aos olhos, naquela ocasião, foi o fato de que das vinte e cinco professoras que participaram das reuniões, apenas dez efetivamente estavam dispostas para a continuidade dos trabalhos, embora todas tivessem feito uma avaliação bastante positiva dos encontros e das temáticas propostas. As docentes que decidiram não inserir as novas tecnologias naquele momento e formar o grupo de estudos para a pesquisa-ação, notificaram-me pessoalmente e/ou encaminharam emails ou manuscritos, indicando que não se sentiam em condições, por diversos motivos, para a referida prática.

Vale destacar que nenhuma docente informou essa posição com justificativas ligadas à “falta de crença” nas potencialidades das ferramentas pedagógicas anteriormente discutidas, de forma explícita, como indicado em Lins (2012). A percepção que tive, à época, através de conversas mais informais e também pelo conteúdo das justificativas apresentadas, foi a de que as práticas com novas tecnologias ligadas à alfabetização e ao letramento pareceram ainda algo distante das urgências do trabalho pedagógico e que certamente tomariam um tempo desnecessário de seus cotidianos - na perspectiva dessas professoras - além dos receios manifestos com indisciplina dos alunos no laboratório de informática, nos usos de ferramentas até então desconhecidas, entre outros. Tais interpretações “materializam-se” também em algumas mensagens recebidas: 1. [...] *por questões pessoais não vou participar [...]* 2. *Os [...] anos não vão participar da capacitação*

que há divergências sobre tal diferenciação (por exemplo em relação à pesquisa participante), como aponta Demo (2004), mas ainda assim se concebe, no presente estudo, que a pesquisa-ação pode definir as escolhas metodológicas, no movimento dinâmico da investigação.

⁴ A partir da concepção de Soares (1998, 2002b).

⁵ Hipertexto é compreendido como “um conjunto de nós ligados por conexões. Os nós podem ser palavras, páginas, imagens, gráficos ou partes de gráficos, seqüências sonoras, documentos complexos que podem eles mesmos ser hipertextos” (LÉVY, 1993, p. 33).

* X EVIDOSOL e VII CILTEC-Online - junho/2013 - <http://evidosol.textolivre.org>

porque no momento **não achamos viável desenvolver um projeto de tecnologia⁶ com os alunos**”.

Nessas argumentações, podemos perceber o *distanciamento* das docentes em relação ao fato de que as tecnologias poderiam/ deveriam fazer parte intrínseca do currículo escolar, em qualquer período e que promoveriam muito mais facilmente a interdisciplinaridade, por exemplo. Nesta direção, vários estudiosos têm afirmado (como Lanhan, 1993, Landow, 1992, Tuman, 1992, apud XAVIER, s/d) que o uso do hipertexto e da Internet na escola afeta o ensino, a aprendizagem e os programas escolares de forma determinante.

Quando as professoras se referem a um “projeto de tecnologia”, podemos perceber que parece se tratar de um “trabalho extra”, “complementar” ou “descolado” de suas realidades a ser desenvolvido. Assim, pelo que justificam, parece muito distante essa possibilidade nos anos iniciais do Ensino Fundamental, frente à “urgência da alfabetização”⁷. Deixam, portanto, a um futuro incerto esse contato dos alunos com as ferramentas tecnológicas, o que impacta diretamente em seus níveis de letramento (também digital)⁸. Há uma dissociação latente e/ou manifesta, portanto, entre o conteúdo a ser explorado e as tecnologias digitais da informação e comunicação (TDICs).

Vale, entretanto, ressaltar que nesse movimento de afastamento docente, explícito e racional, verbalizado e também silenciado (uma vez que algumas professoras não emitiram qualquer justificativa), concebe-se um componente afetivo bastante importante, em particular, onde provavelmente o medo diante do desconhecido, a insegurança na mudança, por exemplo, foram fortes imperativos à manutenção do trabalho pedagógico desvinculado das novas tecnologias. Isso significa dizer que se compreende aqui o psiquismo humano como um todo, ou seja, um conjunto funcional em suas dimensões afetiva-cognitiva-motora-pessoa, como concebeu Wallon (2007).

Nessa perspectiva, algumas professoras que se propõem a enfrentar seus receios (os poucos conhecimentos na área de tecnologia, conforme relatam) e tentar novas práticas - como também apontam abertamente em algumas oficinas propostas inicialmente - evidenciam essa pluralidade subjetiva e os aspectos afetivos aí envolvidos, onde se destaca o papel de algum mediador/apoiador no processo:

[...] Gostaria de participar do grupo as 2as.feiras, para aprimorar meus conhecimentos (que são poucos) em tecnologia, e me sinto bem quando vc está presente na escola, transmite segurança e motivação⁹ (profa. 1).

[...] Tenho gostado muito de suas aulas e estou disposta a participar das aulas a respeito de informatização com os alunos, pois sou leiga no assunto (profa. 2).

Foi assim, portanto, feita a relação entre universidade e escola, diante do desafio histórico que se colocava sobre novos recursos tecnológicos, as diferenças marcadas pelos alunos ouvintes e surdos, e a antiga questão sobre como ensinar (e aprender) a ler e a escrever: através de acolhimentos e rupturas que sintetizavam crenças, concepções, formações e sentimentos.

2. 1. A pesquisa-ação e o uso das novas tecnologias na escola: o blog em destaque

Dez professoras desejaram e puderam seguir na referida pesquisa-ação, para além da docente prevista inicialmente, qual seja, a responsável pela turma em que se encontrava a aluna surda (que também participava das oficinas). Isso foi possível em função da escolha de um método que se articulasse com tal realidade dinâmica que está presente nas escolas e seus agentes.

A abertura das ações e reflexões a um grupo maior de docentes surgiu, portanto, como uma

⁶Grifos meus.

⁷Detalho um pouco mais essa questão em Lins e Diniz (2012b). Disponível para download em: <http://www.leituracritica.com.br/lancamentosCOLE.htm>

⁸Soares (2002b, p. 151) concebe letramento digital como “um certo estado ou condição que adquirem os que se apropriam da nova tecnologia digital e exercem práticas de leitura e de escritura na tela, diferente do estado ou condição – do letramento – dos que exercem práticas de leitura e de escrita no papel”.

⁹Grifos meus.

* X EVIDOSOL e VII CILTEC-Online - junho/2013 - <http://evidosol.textolive.org>

necessidade de trabalho mais efetivo, com intuito de modificação das práticas da referida escola.

Realizamos, quinzenalmente, oficinas (de cerca de duas horas) a partir de orientações sobre determinado aspecto relacionado ao tema das novas tecnologias, alfabetização e letramento, como por exemplo: indicação, reflexão e uso (com aporte teórico também apresentado) de alguns softwares encontrados, assim como sites, jogos ou outros Objetos de Aprendizagem (OAs).

Como instrumento de coleta de dados, a partir dos encontros acima referidos, os momentos de conversação foram muito importantes, fundamentados na concepção de Sarmento (2003). Um caderno de campo também foi mantido, onde reservei espaço para o registro de impressões sobre o processo vivenciado nesses encontros do grupo de estudos (observações), a partir das oficinas mencionadas.

No decorrer da pesquisa, surgiu a criação de um blog, intitulado pelas professoras de *TIC escola* (<http://ticvereador.blogspot.com.br>), onde o grupo foi manifestando algumas de suas concepções e impressões sobre o processo de utilização das novas tecnologias na educação, muitas vezes a partir de suas experiências com os próprios alunos e sobre o desempenho e impressões dos mesmos.

Inicialmente, as professoras relataram amplamente a não familiaridade com essa ferramenta (apenas uma professora já havia realizado postagens em blog). Foram “tateando” os recursos disponíveis ali, aumentando paulatinamente seus próprios níveis de letramento digital e reafirmando a necessidade de novos olhares para as práticas pedagógicas, com intuito também de que outros professores pudessem participar dessas descobertas (por isso, aliás, decidiram tornar a visualização do blog pública). Isso acontecia, na maior parte das vezes, nas próprias oficinas, onde todas estávamos reunidas. Nas palavras de uma professora, no blog, em 28/05/2012: “[...] *As tecnologias estão presentes no cotidiano, por isso nós educadores devemos estar atentos e preparados para medirmos esta situação e tornarmos nossas aulas mais próximas à realidade do aluno.*”

Progressivamente, as professoras foram narrando as suas experiências com os alunos, a partir dos OAs apresentados (como na postagem de 14/09/2012).

COMPARTILHANDO AS AÇÕES

Olá grupo!

Como a professora Andréa e eu estamos participando do curso de música, resolvemos fazer este post para compartilhar o que andamos fazendo em relação ao uso de mídias com as turmas dos quintos anos da tarde.

Sobre o tema das Olimpíadas, utilizamos um filme, chamado “Astérix e Obélix nos Jogos Olímpicos” (que pode ser encontrado [aqui](#)), que aborda a criação dos jogos de uma forma cômica, o que prendeu bastante a atenção dos alunos.

Em relação ao Folclore, como o monitor de informática nos informou que trabalharia as lendas, apresentando algumas lendas aos alunos e pedindo que eles criassem suas próprias baseados nas leituras realizadas, focamos nosso trabalho em outra temática. A professora Andréa apresentou aos alunos diversos textos referentes ao Folclore, com o intuito de mostrar aos alunos a diversidade textual e eu solicitei que eles pesquisassem brinquedos e brincadeiras folclóricas, montassem cartazes e apresentassem aos demais. Todos usaram como fonte de pesquisa a internet.

Para abordarmos o aquecimento global, tendo em vista a Semana da Água, utilizamos o filme “A Era do Gelo 2”, que trata claramente sobre o assunto e também permite abordar temas como a extinção de animais, os diversos períodos que nosso planeta passou, como a Era Glacial, etc. O monitor de informática também trabalhou o tema “Meio Ambiente” com os alunos nas aulas de informática.

Os alunos elaboraram o “Jornal Mural”, onde pesquisaram em diversos meios notícias sobre o meio ambiente e expuseram no jornal.

Uma aluna do 5º B nos trouxe um texto sobre diversos pontos turísticos pelo mundo, visto que em Geografia estávamos trabalhando os continentes, então solicitei ao Patrick que mostrasse imagens

TECNOLOGIAS COMO FERRAMENTA DE APRENDIZAGEM EM SALA DE AULA. MEDIADAS PELA PROFESSORA PESQUISADORA DRA. HELOÍSA MATTOS QUE NOS IMPULSIONA EM ACREDITAR EM UM ENSINO PÚBLICO DE QUALIDADE.

VISUALIZAR MEU PERFIL COMPLETO

Seguindo o Blog por Email

Email address...

Total de visualizações de página

651

Pesquisar este blog

Marcadores

ANA (1)

ANDRÉA (3)

CÍNTIA (2)

Nesse *post* aparece uma figura muito importante no que se referiu à mediação e apoio necessários ao fortalecimento das ações dessas docentes, na rotina diária da escola: o monitor da sala de informática. No decorrer da pesquisa, em vários momentos, esse profissional (que também participava ativamente das oficinas) foi citado pelas professoras como elemento fundamental para

que as mudanças nas práticas pedagógicas pudessem acontecer. Sua presença indicava segurança técnica às mesmas, conforme seus relatos, e também incentivo pessoal para o trabalho com os alunos, uma vez que o mesmo se mostrava extremamente favorável ao uso dos hipertextos e novas tecnologias, de modo geral, nos processos de ensino-aprendizagem e se relacionava muito bem com as turmas. Isso significa dizer que os alunos e as professoras do grupo gostavam do trabalho desse profissional e particularmente da maneira próxima e entusiasmada como se relacionava com a tecnologia e com as pessoas ali envolvidas. As professoras desenvolviam projetos em parceria com docentes que atuavam com turmas semelhantes e, em alguns casos, sem essa companhia, mas sempre apoiadas pelo monitor, quando solicitavam.

Nesse processo exploratório, destacou-se, entre as professoras, o uso de softwares que propiciavam a criação de histórias em quadrinhos. Várias delas apresentaram nas oficinas e também no blog as atividades desenvolvidas com os alunos, enfatizando o grande interesse dos mesmos pela proposta (como destacado na postagem de 01/10/2012).

Essa mesma docente destaca, na postagem referida, algumas modificações em suas práticas, antes alicerçadas em papel, para reproduzir as práticas online e discutir suas funcionalidades, como o e-mail: *“No início fiz uma pesquisa com os alunos [...] A maioria deles possuiu e-mail, porque nós criamos e-mails para todos os alunos na aula de informática. Pedimos autorização aos pais e os que ainda não possuem é porque faltaram no dia da aula.”*

Tal procedimento possibilitou, entre outros aspectos ligados ao letramento digital das crianças, a entrada das mesmas num site que oportunizava a criação de HQs, como salientou a professora, no blog: *“Os alunos criaram um login no site: www.maquinadequadrinhos.com.br durante a aula de informática e apresentei um tutorial de como utilizar o site para criar a história em quadrinhos no computador.”*

A troca de ideias entre as professoras foi recorrente nesse processo e aumentada com a criação do blog. Neste sentido, como ressalta Lévy (2003), *“as coletividades cognitivas se auto-organizam, se mantêm e se transformam através do envolvimento permanente dos indivíduos que as compõem. Mas estas coletividades não são constituídas apenas por seres humanos [...]”* (p. 144).

As docentes recorriam largamente às companheiras de trabalho para a troca de experiências e apoios, fortalecendo os laços que possibilitam o enfrentamento diante do novo, como se pode observar na postagem de 18/06/2012, entre outras.

Em suma, os conteúdos das postagens variavam bastante. Versaram desde indicações de vídeos, cursos, sites e bibliografias, até o detalhamento das práticas pedagógicas que envolveram as tecnologias, assim como as dificuldades e avanços nessa seara.

3. Para seguir pensando

Con los medios puedo imaginar cosas que no se van a hacer nunca.
(Dussel e Sarlo, 2012).

Embora saibamos das dificuldades concretas por que passam as escolas de educação básica (como falta de computadores para os alunos, acesso à banda larga em velocidade adequada, por exemplo), nesta pesquisa ficou evidente o papel do gestor, pois foi a “ponte” principal entre a escola e a universidade, assim como buscou de muitas formas a efetivação de novas práticas de ensino e aprendizagens plurais aos alunos ali matriculados. Sem dúvida alguma, no entanto, as professoras compuseram a centralidade das forças para as mudanças ali ocorridas, quando decidiram se arriscar em frentes até então não muito exploradas.

As referidas docentes levaram em consideração os desejos de seus alunos, uma vez que *“as novas gerações são portadoras do novo em matéria de cultura e em especial das novas linguagens e modos de aprendizagem”* (FANFANI, 2012). Assim, seria extremamente produtora aos professores uma empreitada no fortalecimento coletivo (também através de redes sociais, blogs, por exemplo) para novas rotas formativas, ou seja, que se referissem às suas próprias aprendizagens, o que certamente favoreceria, entre outros aspectos, em sua dimensão afetivo-cognitiva, portanto, em

sua confiança em outras trajetórias e ações que aproximariam também os alunos de uma realidade que é vigente e está por ser explorada por muitos.

Na última avaliação sobre os trabalhos desenvolvidos, realizada com o grupo (as professoras, além da gestora e o monitor), houve manifestações unânimes sobre a melhoria nas práticas pedagógicas, envolvendo as tecnologias, em relação à alfabetização da aluna surda matriculada e também dos alunos ouvintes em questão, ainda que indicassem problemas estruturais (acima apontados) e algumas possibilidades para a superação dos mesmos. Foi um começo.

Referências Bibliográficas

ALVES, J.M.; SOUZA, M.T.C.C.; OLIVEIRA, P.S. A difícil arte de aproximação e distanciamento do pesquisador em psicologia. In LEME, M.S.; OLIVEIRA, P.S. (orgs.) **Proximidade e Distanciamento**. SP: Casa do Psicólogo, 2011.

BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

CHARTIER, R. **Formas e sentido**. Cultura escrita: entre distinção e apropriação. Campinas, SP: Mercado das Letras; ALB, 2003 (Col. Histórias de Leitura).

DEMO, P. **Pesquisa participante**: saber pensar e intervir juntos. Brasília: Líber Livro Editora, 2004.

DUSSEL, I. Escuela y cultura de la imagen: los nuevos desafíos. In Curso **Educación, imágenes y medios**. 2012. Cohorte 8. Disponível em <http://www.flacso.org.ar>. Acesso em 21.01.2013.

_____; SARLO, B. Cultura, medios, imágenes y escuela. Conversación entre Beatriz Sarlo e Inés Dussel. In Curso **Educación, imágenes y medios**. 2012. Cohorte 8. Disponível em <http://www.flacso.org.ar>. Acesso em 18.03.2013.

FANFANI, E.T. La escuela y la visión no alfabética. “La Tercera Fase. Formas de saber que estamos perdendo”. In Curso **Educación, imágenes y medios**. 2012. Cohorte 8. Disponível em <http://www.flacso.org.ar>. Acesso em 21.01.2013.

LEME, M.I.S.; OLIVEIRA, P.S. **Proximidade e distanciamento**: superando dicotomias. SP: Casa do Psicólogo, 2011.

LÉVY, P. **As tecnologias da inteligência**: o futuro do pensamento na era da informática. RJ: Ed. 34, 1993. (Col. TRANS).

LINS, H.A.M. **TDICs e os processos de alfabetização e letramento de crianças surdas e ouvintes: formação de professores**. Anais do Encontro Virtual de Documentação em Software Livre e Congresso Internacional de Linguagem e Tecnologia Online. 2012. Disponível em: http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/anais_linguagem_tecnologia/article/view/1945/3419. Acesso em 12.02.2013.

_____; DINIZ, N.L.B. **Repensar o currículo na Educação Infantil**: implicações sobre o brincar e a língua(gem). SP: Edições Leitura Crítica, 2012b.

SARMENTO, M.J. **As culturas da infância nas encruzilhadas da 2ª modernidade**. Braga: Instituto de Estudos da Criança, Universidade do Minho, 2003. (texto digitado).

SILVA, A.R.C. Sentimentos e emoções: um estudo com professores e alunos de medicina veterinária. In ALMEIDA, L.R.; MAHONEY, A.A. (Orgs). **Afetividade e Aprendizagem**: contribuições de Henry Wallon. SP: Ed. Loyola, 2007.

SOARES, M. Novas práticas de leitura e escrita: letramento na cibercultura. **Educação e Sociedade**: Campinas, vol.23, n.81, p.143-160, dez. 2002(b).

_____. **Letramento**: um tema em três gêneros. 2 ed. 11 reimpr. Belo Horizonte: Autêntica, 2006, 128p.

THIOLLENT, M. **Metodologia da pesquisa-ação**. 6ª. Ed. São Paulo: Cortez, 1994.

WALLON, H. **A evolução psicológica da criança**. SP: Martins Fontes, 2007.

_____. **Do acto ao pensamento**. Lisboa: Moraes Editores, 1979

XAVIER, A.C.S. **Letramento digital e ensino**. s/d. Disponível em: <http://www.ufpe.br/nehte/artigos/Letramento%20digital%20e%20ensino.pdf>. Acesso em 12.02.2013.